

UMA EVIDÊNCIA EXPERIMENTAL DO CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO PROFISSIONAL ATRAVÉS DO ESTUDO DA REPRESENTAÇÃO DO GRUPO IDEAL¹

Pierre Ratinaud²

RESUMO: Este artigo apresenta uma evidência experimental da noção de representação profissional. Após descrever essa categoria particular de representações sociais e os interesses que ela representa no domínio da educação, descrevem-se dois protocolos experimentais inscritos no âmbito da teoria estrutural que permitem a identificação de diferenças entre as representações sociais e representações profissionais. Estes protocolos são baseados na técnica de “pôr em questão”, e centram-se na representação do grupo ideal. Eles foram submetidos a 1.001 alunos da licenciatura de Ciências da Educação da Universidade de Toulouse-Le Mirail (296 para o primeiro e 705 para o segundo). Os resultados mostram diferenças na composição do sistema central da representação no contexto em que o objeto é pensado (social versus profissional). Eles também salientaram o caráter muito estável ao longo do tempo no núcleo central das representações e a necessidade de uma contextualização dos objetos no estudo da inserção social e profissional.

PALAVRAS-CHAVE: representações sociais; representações profissionais; grupo ideal.

AN EXPERIMENTAL EVIDENCE OF THE CONCEPT OF PROFESSIONAL REPRESENTATION THRU THE STUDY OF THE REPRESENTATION OF THE IDEAL GROUP

ABSTRACT: This article presents an experimental way to bring to the fore the concept of professional representations. After description of this particular category of social representations and of the interests it represents in the field of education, it details two experimental protocols within the framework of structural theory that allow the identification of differences between social and professional representations. These protocols are based on the technique of the «Verification task » and focus on the representation of the ideal group. They were submitted to

¹ Tradução de Cristiano Amaral Garboggini Di Giorgi, Professor do Departamento de Educação e Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado, da Faculdade de Ciências e Tecnologia – Campus UNESP de Presidente Prudente-SP.

² Doutor em Ciência da Educação; Professor du Département des Sciences de l'Education et de la Formation laboratoire CREFI-T – REPERE Université de Toulouse-Le Mirail. E-mail: ratinaud@univ-tlse2.fr

1001 students of the license of Education Sciences at the University of Toulouse-Le Mirail (296 for the first and 705 for the second). The results show differences in the composition of the central system of representation according to the context in which the object is thought (social versus professional). They also stressed the stability of central nucleus over time and the need of a contextualization of the objects in the study of social and professional representations.

KEY-WORDS: social representations; professional representation; ideal group.

INTRODUÇÃO

Representações sociais podem ser definidas como "formas de conhecimento ingênuo destinadas a organizar as condutas e orientar as comunicações" de um grupo social sobre objetos que representam os valores em questão para este grupo. Este conhecimento é produzido e criado coletivamente (MOSCOVICI, 1976). Neste artigo são apresentadas duas experiências que permitem destacar as peculiaridades de uma determinada categoria de representações sociais que nós chamamos representação profissional. Ambos os experimentos se inserem no quadro da teoria do núcleo central e concentram-se na representação do grupo ideal. Ambas foram submetidas a alunos da licenciatura de Ciências da Educação, o primeiro em 2003 (N = 296) e o segundo de 2006 a 2008 (N = 705).

No primeiro protocolo apresentado, propusemos aos alunos um teste sobre uma série de 10 itens característicos do grupo ideal em duas condições variando a distância ao objeto, e então perguntamo-lhes em que tipo de grupo que tinham pensado ao responder a cada uma das condições. Os resultados permitem tomar consciência da necessidade de contextualizar a representação de objetos em seu estudo. No segundo estudo, os sujeitos foram levados a pensar o objeto em dois contextos diferentes, devendo responder ao mesmo teste, uma vez em relação a um grupo ideal de amigos e uma vez para um grupo ideal profissional. Os resultados confirmam as diferenças entre a expressão social e profissional do grupo ideal observado em 2003. Eles também permitem entender a estabilidade do sistema central de representações.

Após a introdução do conceito de representação e do seu interesse no domínio da educação e da formação, nós retomaremos as grandes linhas da teoria do núcleo central e, em seguida, explicaremos o princípio da técnica de "pôr em questão" e exporemos os dois protocolos experimentais.

Os resultados serão preferencialmente analisados em termos de diferenças entre as expressões sociais e profissionais da representação do grupo ideal. As implicações e limitações metodológicas desses experimentos serão

explicitados depois de sua discussão.

MARCO TEÓRICO

As representações profissionais

Após vários anos, o componente REPERE do T-CREFI inclui este trabalho no desenvolvimento do conceito de representação profissional. As representações profissionais são para nós uma categoria particular de representações sociais.

Piaser (1999) relata em sua tese as condições do surgimento do conceito de representação no seio da equipe de investigação:

Temos oportunidades frequentes para trocar pontos de vista e confrontarmos-nos com outras posições de vários membros da equipe sobre as representações em circulação nos grupos com quem estamos em contacto e que pertencem, todos, a determinadas áreas profissionais, incluindo professores, enfermeiros, assistentes sociais, etc... Estes debates serviram para trazer à baila questões relacionadas às particularidades das representações sociais de grupos profissionais (particularidade de conteúdo, organização de elementos, distribuição de tomadas de posições no campo) e para especificá-las em um registro em que a palavra profissional teria uma acepção restrita para evitar esta polissemia embaraçosa denunciada também por Bataille et al (1997). (PIASER, 1999, p. 96).

Apesar da espessura da teoria das representações sociais, a especificidade das abordagens profissionais dos objetos de representação não poderia ser estudado de forma satisfatória.

Estimulada por Michel Bataille, surgiu a necessidade de levar mais adiante a lógica da abordagem teórica a uma determinada família de representações conceituais para ter uma ferramenta mais eficaz face às nossas diferentes problemáticas. (PIASER, 1999, p. 96).

As representações profissionais são definidas como:

Nem saber científico nem saber de senso comum, elas são elaboradas na ação e interação profissionais, que as contextualizam, pelos atores cujas identidades profissionais são fundadas por elas correspondendo a grupos do campo ocupacional considerado, em ligação com os objetos salientes para eles neste domínio. (BATAILLE et al, 1997, p. 63).

As especificidades das representações profissionais remetem portanto a:

- o grupo que as porta: estas representações são específicas dos grupos profissionais, ou seja, grupos definidos pela sua prática comum de uma atividade remunerada organizada por normas e regulamentos e reconhecido como útil e

globalmente homogênea pelo resto da sociedade. Esta parte é baseada em uma definição sociológica das profissões. Registramos com Sainsaulieu (1980) que "nem a família nem o tempo de lazer ou atividades de tempo livre, nem o sexo ou idade, ou religião, ou mesmo as fortunas têm um peso de definição social tão considerável quanto o espaço nos pequenos ou grandes conjuntos de trabalho organizado" (SAINSAULIEU, 1980 citado por PIASER, 1999, p.103).

- os objetos a que elas dizem respeito: os objetos devem ser salientes para o grupo considerado e não para os indivíduos que o compõem. Todos os sujeitos podem se sentir implicados – em uma escala de implicação, por exemplo, (ROUQUETTE, 1998) - por um objeto, sem que, por isso, este objeto represente uma questão para o grupo profissional que eles formam. A diferença aqui reside essencialmente na natureza do envolvimento destes sujeitos em relação ao objeto (profissional ou social) (MIAS, 1998).
- os contextos da sua produção e circulação: mantemos a definição de profissional proposto por Bataille et al (1997, p. 77):

O contexto profissional engloba tanto o quadro das atividades (as estruturas espaciais e temporais em que se incluem as ações e interações) oriundas de um certo grau de autonomia, a organização que regulamenta uma comunidade que reúne um grupo de indivíduos e grupos em interação, e a instituição que a funda simbolicamente.

Representações profissionais desempenham as mesmas funções que as representações sociais, mas no campo profissional:

- função cognitiva: representações profissionais definem a realidade dos objetos profissionais necessários para a prática diária dos grupos profissionais.
 - Função de proteger a identidade dos grupos: porque elas permitem " localizar os indivíduos ou grupo de indivíduos, em comparação com os sistemas de normas e valores social e historicamente determinados" (BOUSSIÈRES, 2001, p. 14), as representações são um elemento fundamental da identidade profissional.
 - Função de orientação de condutas: propondo modelos de compreensão do mundo profissional, as representações profissionais orientam as práticas e os comportamentos em um contexto profissional.
 - Função de comunicação: a comunicação profissional entre as pessoas que exercem a mesma atividade ocorre na maioria das vezes sem se sentir a necessidade de verificar se os termos empregados têm o mesmo sentidos para todos (BATAILLE et al, 1997). Este nível de comunicação, que permite a ação a partir de um conteúdo mínimo de informações, é o das representações profissionais, que tornam-se "conhecimento prático" (BOUYSSIÈRES, 2001, p. 13).

- Função de justificação antecipada ou retrospectiva das práticas: *a posteriori*, o sujeito agente agiu porque "as coisas eram assim." As representações profissionais são um guia para as práticas profissionais, mas também servem para justificá-las.

No domínio da educação, levar em conta as especificidades das representações profissionais permite uma nova leitura do processo de profissionalização. Ele pode, então, ser tratado como um processo representacional que reflete a criação de sistemas de representações profissionais. A partir desta constatação, o estudo das dinâmicas representacionais nos grupos em formação torna-se um campo fértil para a compreensão destes processos (LAC, 2003). De um ponto de vista praxeológico, as formações profissionais se enriquecem com a ajuda à leitura dos implícitos que regulam os campos profissionais e cuja naturalização é uma parte significativa de profissionalismo.

A teoria do núcleo central

Representações sociais são constituídas por um conjunto estruturado de informações, crenças e atitudes sobre um determinado objecto: todos estes elementos têm relações entre si que determinam a sua importância e o seu lugar na representação. De acordo com a hipótese de Abric (1976), qualquer representação é organizada em torno de um núcleo central que lhe confere o seu significado.

Desenha-se então um duplo sistema:

- o sistema central: composto por um pequeno número de cognições, ele garante a estabilidade da representação e lhe dá sentido. O núcleo tem uma dimensão predominantemente qualitativa: a centralidade de um elemento não é marcada por sua presença importante, mas pelo sentido que dá à representação.
- Os elementos periféricos: eles estão diretamente relacionados com o núcleo e constituem o essencial do conteúdo da representação. Servem como interface entre o núcleo e a situação concreta. A eles é atribuída uma função reguladora, de defesa e de concretização da representação.

EXPERIMENTOS

Objetivo

O objetivo das experiências que nós apresentamos é destacar a realidade estrutural das representações profissionais. A hipótese geral que norteou estes trabalhos é que um objeto que satisfaz as condições para o aparecimento de representação, tanto no campo social quanto no campo profissional (em sentido amplo), deve conduzir, no âmbito do mesmo grupo, a criação de duas representações distintas. O objeto escolhido aqui, o grupo ideal, tem as características esperadas. Este objeto também tem sido amplamente utilizado no quadro do desenvolvimento da teoria estrutural (FLAMENT, 1982; MOLINER, 1989; RATEAU, 1995, 2000, por exemplo). Lembremos que, neste contexto, duas

representações são consideradas diferentes se e somente se os seus núcleos centrais são diferentes.

Metodologia

Na literatura, diversos métodos são propostos para determinar a centralidade de um elemento de representação. Foram citados, por exemplo, o método de Indução Scenario Ambigu (ISA; MOLINER, 1993), os esquemas de Cognitif de Bases (ROUQUETTE; RATEAU, 1998) e a técnica de “pôr em questão” (MOLINA, 1989). É esta última que vamos utilizar. É baseada sobre a característica não-negociável dos elementos centrais. O pressuposto é que um objeto de representação não pode ser reconhecido se se o apresenta, sem alguma destas características centrais. Nós retomamos aqui o exemplo proposto por Moliner, Rateau e Cohen-Scali (2002). É perfeitamente possível pensar em um pássaro que não voa. O exemplo da avestruz não irá deixar de nos vir à mente. Ao contrário, é impossível pensar em um pássaro que não tem asas. Diremos que, na representação da ave, a característica "voar" é periférica (reconhecemos o objeto "pássaro", sem este recurso) e a característica "ter asas" é central (não se reconhece o objeto "pássaro", sem esta característica).

A técnica de “pôr em questão” consiste pois em apresentar o tema da representação, removendo-lhe sucessivamente as características que queremos testar.

O protocolo que usamos aqui é ligeiramente diferente dos protocolos utilizados tradicionalmente:

- A lista de itens testados é diferente para este teste, usamos uma série de 10 pontos obtidos após o tratamento de associação livre em um grupo de 57 estudantes da licenciatura em Ciências da Educação (ver BATAILLE; MIAS, 2003):

A - são amigos

B - são iguais (sem hierarquia)

C - partilham as mesmas opiniões

D - protegem-se uns aos outros

E - há muito diálogo entre eles

F - reúnem-se frequentemente

G - são solidários

H - discutem suas diferenças

I - não têm conflitos entre eles

J - seguem seu líder

- Não utilizamos texto indutor: os itens são apresentados como as características de um grupo ideal apontadas por uma amostra de estudantes.

- A medida de centralidade é diferente: em seu estudo sobre pôr em questão, Moliner (1989) propõe determinar se o objeto é reconhecido, na ausência de uma característica, a partir de uma escala de quatro pontos ("Este é um grupo ideal muito típico", "É um grupo ideal pouco típico", "Isto não é um grupo ideal, mas parece", "Isto não é um grupo ideal e nem parece"). Posteriormente, são geralmente escalas de 4 ou 6 pontos que serão utilizadas. Elas são então categorizadas em duas modalidades: o objeto é reconhecido ou não reconhecido. Em nossos trabalhos, a variante proposta introduz a possibilidade, para cada um dos elementos (central ou periférico), quando colocados em questão, para ativar, para além do regime de não ter sido posto em causa ("sim, é sempre um grupo ideal"), ou o padrão de negação ("Não, isto já não é um grupo ideal"), ou o padrão de racionalização ("depende").

A introdução desta oportunidade de responder "depende" é destinada a testar a contextualização diferencial dos elementos de representação" (BATAILLE; MIAS, 2001). Esta escolha tem uma consequência sobre o limiar de centralidade. As modalidades de resposta de passando 2 a 3, mantivemos o limiar de 50%. Em outras palavras, assumimos que é um elemento central se 50% das pessoas que não reconhecem o objeto na ausência desta característica.

O protocolo consiste em um questionário frente e verso que é preenchido por todos os sujeitos participantes. Na primeira página deste questionário, pedimos aos alunos para classificar de 1 a 10 em ordem de importância os dez itens da nossa lista. Os resultados desta tarefa não serão apresentados. Este primeiro passo foi especialmente concebido para permitir aos sujeitos tomarem consciência dos itens.

Na parte de trás do questionário foram duas tarefas de pôr em questão. Ambas são introduzidas pelo seguinte aviso:

Para cada uma destas características, você deve dizer se, quando ela está ausente, em um grupo, este grupo ainda pode ser considerado como um "grupo ideal".

Todos os experimentos apresentados foram conduzidos como parte do trabalho supervisionado em psicologia social em uma formação de licenciatura em ciências da educação. Todos os sujeitos são estudantes de licenciatura de Ciências da Educação.

Primeiro protocolo (N = 296)

Nesta versão, os indivíduos são convidados a responder a primeira série de "pôr em questão" para "Um grupo, em geral", e o segundo, para "Um grupo a que você pertence". Pensávamos manipular aqui a distância para o objeto (distância forte - um grupo em geral; pequena distância - um grupo a que pertence),

mas os resultados permitem uma análise mais aprofundada das diferenças entre estas duas condições. Para cada rodada, um exemplo é a proposta:

Um grupo, em geral, é ainda um ideal se esses membros não são amigos?

Possíveis respostas:

- Sim, claro
- Sim e não, depende
- Não, de jeito nenhum

Os 10 itens da lista são apresentados em negativo (ver Tabela 1).

Para cada uma destas duas séries de “pôr em questão”, também se perguntou aos sujeitos em que grupo eles pensavam ao responder: "Qual o grupo que você pensou, um grupo ideal de amigos ou um grupo ideal profissional? Esta questão não foi incluída no questionário. Ela foi apresentada por via oral após todos os sujeitos terem completado o questionário.

Resultados

Os resultados mostram em primeiro lugar, que 176 indivíduos (59%) mantiveram o mesmo grupo de referência entre as duas condições de distância (88 tomaram sempre um grupo amigável e 88 grupos profissionais). 113 indivíduos (38% - ou quase todas os sujeitos restantes) utilizaram um grupo profissional na condição "Um grupo em geral" e um grupo de amigos na condição "O seu grupo". O estudo dos resultados de “pôr em questão” (ver quadro 1) mostra que a distância não tem qualquer efeito em termos de centralidade sobre os sujeitos que não mudaram de grupo de referência entre as duas condições de distância (Grupo A e B).

Tabela 1: posta em questão em porcentagem do "não" - Casos contendo valores superiores a 50% são realçados em amarelo

	Grupo amigável nas duas condições (A) (N=88)		Grupo profissional nas duas condições (B) (N=88)		Mudança de grupo de referência (C) (N=113)	
	Grupo em geral	Seu grupo	Grupo em geral	Seu grupo	Grupo em geral (profissional)	Seu grupo (amigável)
A – não são amigos	64%	74%	8%	11%	10%	64%
B – não são iguais (hierarquia)	30%	42%	34%	39%	36%	58%
C – não partilham as mesmas opiniões	1%	3%	6%	7%	5%	11%
D – não se protegem mutuamente	40%	48%	28%	35%	35%	56%
E – não se comunicam bastante entre eles	73%	69%	83%	88%	81%	88%
F – não se reúnem frequentemente	14%	18%	15%	18%	15%	24%
G – não são solidários	75%	80%	72%	73%	69%	83%
H – não discutem suas divergências	42%	42%	81%	84%	67%	62%
I – têm conflitos entre eles	17%	19%	41%	38%	21%	29%
J – não seguem o seu líder	1%	5%	6%	3%	8%	10%

Nas condições em que o objeto é pensado para se referir a um grupo profissional (Grupo B e condição grupo em geral do grupo C), o sistema central é composto “por itens que se comunicam bastante entre eles”, “são solidários” e “discutem suas diferenças”.

No caso ideal de um grupo ideal de amigos, o sistema central é composto por itens “são amigos”, “se comunicam bastante entre eles” e “são solidários” para o grupo A. Nós adicionamos os itens “são iguais”, “protegem-se uns aos outros,” discutem suas diferenças ”para o grupo C.

Estes primeiros resultados serão discutidos com os seguintes, mas já é possível fazer duas observações:

- Existe uma diferença estrutural entre a representação de um grupo ideal de amigos e a representação de um grupo profissional ideal; o item “são amigos” só é central para os sujeitos quando eles consideram o objeto “um grupo ideal de amigos”, já o item “discutem suas diferenças” é central para todas as condições referentes a um grupo profissional.
- Na ausência de um contexto claramente identificado, os sujeitos contextualizam o objeto da representação para lhe dar significado.

3.4 Segundo Protocolo (N = 705)

O segundo protocolo envolve experiências que se deram no mesmo contexto, de 2006 até 2008.

A partir dos resultados anteriores, modificamos o questionário para orientar a contextualização do objeto; substituímos, pois, os termos "um grupo em geral" e "um grupo a que você pertence" por "um grupo ideal profissional" e "um grupo ideal de amigos."

Em outras palavras, a primeira série de "por em questão" foi introduzida por "para um grupo ideal profissional", e a segunda por "para um grupo ideal de amigos."

Um exemplo vinha antes de cada série de "pôr em questão". Por exemplo, um grupo profissional cujos membros não são amigos é um grupo ideal? Possíveis respostas:

- Sim, claro
- Sim e não, depende
- Não, de jeito nenhum

Assim, a centralidade dos 10 itens da nossa lista é testado duas vezes para cada sujeito: uma vez no quadro de um grupo profissional ideal, e uma vez no quadro de um grupo de amigos perfeito.

Resultados

Tabela 2: posta em questão em porcentagem do "não" - Casos contendo valores superiores a 50% são realçados em amarelo

	Grupo profissional			grupo amigável		
	2006 (N=333)	2007 (N=195)	2008 (N=177)	2006 (N=333)	2007 (N=195)	2008 (N=177)
A – não são amigos	4%	1%	5%	94%	88%	89%
B – não são iguais (hierarquia)	14%	10%	14%	41%	38%	36%
C – não partilham as mesmas opiniões	8%	8%	7%	5%	4%	4%
D – não se protegem mutuamente	35%	29%	28%	65%	58%	63%
E – não se comunicam bastante entre eles	89%	74%	80%	72%	70%	65%
F – não se reúnem frequentemente	47%	41%	41%	17%	16%	14%
G – não são solidários	53%	54%	45%	81%	80%	81%
H – não discutem suas divergências	65%	63%	59%	46%	45%	36%
I – têm conflitos entre eles	24%	20%	19%	20%	18%	8%
J – não seguem o seu líder	21%	24%	24%	7%	5%	5%

Aqui encontramos os resultados muito próximos aos obtidos em 2003. Na condição "grupo profissional", os elementos centrais são "se comunicam bastante entre eles", "são solidários" (exceto 2008) e "discutem suas diferenças." Na condição grupo amigável, o núcleo do sistema é composto dos itens são "amigos", "protegem uns aos outros," se comunicam bastante entre eles "e" são solidários".

Resumamos os resultados obtidos nesses dois experimentos:

Quadro 1: Síntese dos resultados

Elementos centrais no caso de um grupo ideal profissional	Elementos centrais no caso de um grupo ideal amigável
Comunicam-se muito entre eles são solidários* discutem suas divergências	são amigos se protegem mutuamente Comunicam-se muito entre eles são solidários

* estes itens tiveram variações em função de condições experimentais

É bastante fácil comentar os resultados. Em modo um pouco tautológico, os alunos pesquisados esperam de um grupo ideal de amigos que estes membros sejam amigos... Esta característica não é de forma alguma, ao contrário, o esperado para um grupo de profissionais. Da mesma forma, os inquiridos não esperam de um grupo profissional que os seus membros protejam uns aos outros e não concebem um grupo amigável, sem esse recurso.

Em ambas as situações, os estudantes pesquisados não reconhecem um grupo ideal para pessoas que não se comunicam muito uns com os outros e para os indivíduos que não são solidários. Note que o item " se comunicam bastante entre eles " não está presente no sistema central tradicionalmente posta em questão para a representação do ideal. Não é testada. Para Bataille e Mias (2003), esta é uma medida atualizada desta representação. O tema da comunicação tem assumido grande importância a partir de finais dos anos 90. Igualdade (ausência de hierarquia), que é um dos dois elementos centrais sistematicamente centrais em estudos tradicionais (com a noção de amizade), só é central em uma das condições do primeiro experimento.

DISCUSSÃO

O interesse dos resultados apresentados para nós é múltiplo. Um dos primeiros comentários que me vem à mente quando se analisa a Tabela 2 é a estabilidade no tempo dos núcleos centrais das representações. Quer seja um contexto profissional ou amigável, os dados de 2006-2008 mostram muito

pequenas variações. Apenas o item "são solidários" em 2008 mostram uma mudança na composição do sistema central. A diferença entre os dados de 2007 e de 2008 para esta rubrica não é significativa ($\chi^2 = 2,98$, $p = 0,0893$) e precisamos de reproduzir esses resultados que poder afirmar que esta é uma mudança na representação de um grupo profissional ideal.

Diferenças no sistema central da representação do grupo ideal de acordo com os contextos em que este objeto é mencionado (social ou profissional) que queremos destacar é também evidente a partir da Tabela 2. Elas nos permitem afirmar que as representações profissionais são uma família particular de representações sociais. Entendemos que a expressão dessas representações não se distingue por objetos, mas de acordo com os grupos em que estão inseridos os sujeitos, no momento de responder. Quando o assunto é mencionado em um cenário social (o ideal grupo ideal de amigos no nosso exemplo), os sujeitos ativam e expressam a representação do grupo ideal que construíram em seu grupo social de pertencimento. Quando o objeto é mencionado em um quadro profissional, ativam e expressam as imagens do sujeito elaboradas nas suas diferentes experiências profissionais. Equivalentes resultados foram obtidos sobre outros objetos representados. (RATINAUD, 2003).

Os resultados obtidos em 2003 também nos convidam a uma idéia interessante. Para além de um claro contexto introduzido pelo experimentador, os sujeitos entrevistados realizaram uma contextualização do objeto. Lembremos que durante esta experiência, a questão do grupo ao qual se referiram os sujeitos ocorreu depois que eles responderam às tarefas de pôr em questão. Sem esta questão, não nos teria sido possível interpretar corretamente os resultados obtidos. Em outras palavras, fora de um contexto preciso, as representações que medimos é um resumo amalgamado do conjunto das representações específicas que possam contribuir para o objeto. No exemplo do grupo ideal, os resultados analisados independentemente de se levar em conta mudanças no contexto teriam levado a descrever uma amálgama da representações do grupo ideal de amigos e do grupo ideal profissional sem que se pudesse especificar as particularidades de cada uma dessas representações. Por isso, é necessário nos estudos sobre representações sociais, precisar aos sujeitos inquiridos em que grupo pretendemos investir. O pertencimento a diferentes grupos de referência (DOISE, 1989; BOLTANSKI e THÉVENOT, 1991) pode assim ser parcialmente controlado.

Nós fizemos a hipótese de que as mesmas pessoas poderiam referir-se a todas as grandezas, ao contrário da hipótese que anexa sistemas de valor ou de culturas a membros de um mesmo grupo social ou de uma mesma instituição, valores interiorizado sob a forma de preceitos éticos ou disposições aos quais uma pessoa particular pode obedecer em todas as circunstâncias da vida. (BOLTANSKI e THÉVENOT, 1991).

LIMITES

Este estudo reconhece algumas limitações que temos de esclarecer. O mais importante para nós é aquela introduzida pelo contexto do estudo. Estudantes de licenciatura em ciências da educação podem eventualmente ser considerados como um grupo social em que representações são co-construídas. A extensão da representação do grupo ideal de amigos corresponde a uma representação deste grupo particular. Mas a qual grupo corresponde a leitura profissional deste objeto? Estudantes de ciências da educação não são um grupo profissional, no sentido que definimos anteriormente. A representação que temos aqui é uma média, um resumo das várias representações profissionais feitas por estes sujeitos. De certa forma, seria mais uma representação coletiva.

Podemos legitimamente pensar também que é imperativo ter uma experiência profissional para ter desenvolvido uma leitura profissional de um objeto. Estes resultados não fariam sentido com os jovens adultos que nunca trabalharam. Perguntamos, em 2008, se os estudantes entrevistados já tinham tido uma experiência profissional. 92% responderam positivamente. Não temos nenhuma razão para crer que nas pesquisas anteriores os alunos teriam sido diferentes sobre este critério, mas não temos esses dados.

CONCLUSÃO

Neste artigo, nosso objetivo foi o de destacar as peculiaridades estruturais das representações profissionais. O primeiro estudo apresentado permite a conscientização da necessidade de incluir os objetos de representação estudados em contextos claramente especificados. Sem esta especificação, os indivíduos produzem eles mesmos esta contextualização. O segundo estudo mostra a estruturação do núcleo central da representação ideal do grupo, dependendo do contexto no qual o objeto se insere (contexto social - grupo ideal de amigos, contexto profissional - grupo ideal profissional).

Estes trabalhos se inserem mais amplamente no estudo dos processos de profissionalização. Ter em conta os resultados apresentados permite uma distinção entre pensamento social e pensamento profissional. Esta distinção é fundamental tanto como um ponto teórico no quadro da teoria das representações sociais quanto do ponto de vista praxeológico. De um ponto de vista teórico, esta distinção contribui para realçar elementos específicos de uma ou outra destas formas de pensar e de melhorar a compreensão dos processos da gênese das representações. De um ponto de vista praxeológico, o conhecimento dos objetos e das representações profissionais que lhes estão associados, participa em uma melhor compreensão dos campos profissionais. Nós fazemos a hipótese de que ela contribui para a transmissão de um saber esclarecido notadamente nas ações de formação e de ajuda à decisão.

Nota

i mise-en-cause

REFERÊNCIAS

ABRIC, J. C. *Jeux, conflits et représentations sociales*. Thèse d'Etat. Aix-en-Provence. Université de Provence, 1976.

BATAILLE, M.; BLIN, J. F.; MIAS, C.; PIASER, A. Représentations sociales, représentations professionnelles, système des activités professionnelles. *L'Année de la recherche en Sciences de l'éducation*. Paris: P.U.F., 1997

BATAILLE, M.; MIAS, C. La représentation du "groupe idéal" dans un "groupe réel" de formation. In: SALLABERRY, J. C. (ed). *Congrès de l'AFIRSE: Théorisation des pratiques*. Tours, 2001.

BATAILLE, M.; MIAS, C. Représentation du groupe idéal. *Journal International sur les Représentations sociales (JIRSO)*. v. 1, n. 1, 2003. Disponível em: http://geirso.uqam.ca/jirso/Vol1_Sept03/Bataille_Mias.pdf

BOLTANSKI, L.; THÉVENOT, L. *De la justification, Les économies de la grandeur*. Paris: Gallimard. NRF essays, 1991.

BOUYSSIERES, P. Représentations professionnelles du groupe chez les formateurs d'adultes. In: SOLAR, C. (Ed). *Le groupe en formation des adultes, comprendre pour mieux agir*. Bruxelles: De Boeck Université, 2001.

DOISE, W. Attitudes et représentations sociales. In: JODELET, D. (Ed). *Les représentations sociales*. Paris: PUF, 1989.

FLAMENT, C. Du Biais d'équilibre à la représentation du groupe. In: CODOL, J. C.; LEYENS, J. P. (Ed.). *Cognitive analysis of social behavior*. La Haye, Boston, Londres: Matinus Nijhoff, 1982.

_____. Structure et dynamique des représentations sociales. In: JODELET, D. (Ed). *Les représentations sociales*. Paris: PUF, 1989.

LAC, M. *Un groupe en formation, contribution à l'analyse des transformations de l'implication et des représentations*. L'exemple du D.E.U.S.T. « médiation sociale,

éducative et documentaire: les métiers de l'animation ». Thèse de doctorat en Sciences de l'Éducation, Université de Toulouse-Le Mirail, 2003.

MIAS, C. *L'implication professionnelle dans le travail social*. Paris: L'Harmattan, 1998.

MOLINER, P. Validation expérimentale de l'hypothèse du noyau central des représentations sociales. *Bulletin de psychologie*. 42, 1989.

_____. ISA: L'Induction par Scenario Ambigu. Une méthode pour l'étude des représentations sociales. *Revue internationale de psychologie sociale*, 2, 1993.

MOLINER, P. RATEAU, P. COHEN-SCALI, V. *Les représentations sociales, Pratique des études de terrain*. Rennes: Presse Universitaire de Rennes, 2002.

MOSCOVICI, S. *La psychanalyse, son image, son public*. Paris: P.U.F, 1976. (1ère édition, 1961).

PIASER, A. *Représentations professionnelles à l'école*. Particularités selon le statut : enseignant, inspecteur. thèse de doctorat en Sciences de l'éducation. Université de Toulouse-Le Mirail, 1999.

_____. La différence statutaire en actes : le cas des représentations professionnelles d'enseignants et d'inspecteurs à l'école élémentaires. *Les Dossiers des Sciences de l'Éducation*. Toulouse: P.U.M, 2000.

RATEAU, P. Le noyau central des représentations sociales comme système hiérarchisé. Une étude sur la représentation du groupe. *Cahiers internationaux de Psychologie Sociale*. 26, 1995.

_____. Idéologie, représentation sociale et attitude : étude expérimentale de leur hiérarchie. *Revue internationale de psychologie sociale*. Tome 13. Grenoble: P.U.G, 2000.

RATINAUD, P. *Les professeurs et Internet. Contribution à la modélisation des pensées sociale et professionnelle par l'étude de la représentation professionnelle d'Internet d'enseignants du secondaire*. Thèse de Doctorat en Sciences de l'Éducation, Université de Toulouse-Le Mirail, 2003.

ROUQUETTE, M. L. *La communication sociale*. Paris: Dunod. coll. Topos, 1998.

ROUQUETTE, M. L.; RATEAU, P. *Introduction à l'étude des représentations sociales*. Grenoble: P.U.G., 1998

Recebido em março de 2009

Aceito em maio de 2009